

jules verne



as
aventuras
da



família raton



ilustrações Catarina Bessell
tradução Julia da Rosa Simões



as
aventuras
da
família
raton

texto **Jules Verne**

tradução **Julia da Rosa Simões**

ilustrações **Catarina Bessell**



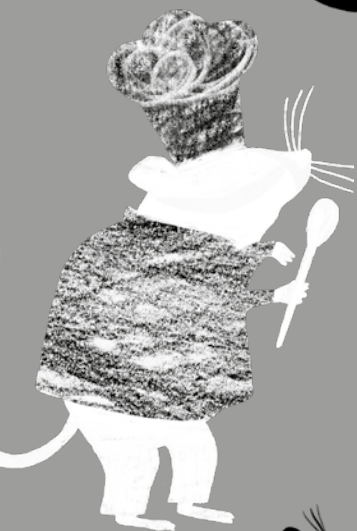


jules verne



as
aventuras
da
família
raton





1

Era uma vez uma família de ratos formada pelo pai Ratônio, pela mãe Ratânia, pela filha Ratine e pelo primo Ratão. Seus empregados eram o cozinheiro Ratorello e a criada Ratolina. Esses admiráveis roedores viveram aventuras tão extraordinárias, queridos leitores, que não posso deixar de contá-las a vocês.

Tudo aconteceu no tempo das fadas e dos feiticeiros – época em que os animais ainda falavam. Imagino que seja desse período que venha a expressão “dizer besteiras”. No entanto, as bestas não diziam mais besteiras do que os homens sempre disseram e ainda dizem! Então prestem atenção, pois a história já vai começar.

2

Numa das cidades mais bonitas daquele tempo, e na casa mais linda da cidade, morava uma fada boa, que se chamava Genirosa. Ela era tão boa quanto uma fada podia ser, e também muito amada. Dizem que naquela época todos os seres vivos estavam submetidos às leis da metempsicose. Não se assustem com essa palavra: significa que havia uma escala hierárquica na Criação e que cada ser vivo subia seus níveis sucessivamente, até chegar ao último, a forma humana. Portanto, um ser nascia molusco, tornava-se peixe, depois ave, quadrúpede e, por fim, homem ou mulher. Como vocês podem ver, era preciso ir do estado mais rudimentar ao mais perfeito. Às vezes, porém, era possível cair de nível, devido à influência maligna de algum feiticeiro. Quando isso acontecia, que infelicidade! Imaginem voltar à condição de ostra, depois de ter sido homem! Felizmente, não vemos mais essas coisas acontecerem hoje em dia - fisicamente, ao menos.

Vocês precisam saber que essas várias metamorfoses aconteciam por intermédio de feiticeiros. Os feiticeiros bons ajudavam a subir, os maus faziam descer e, quando estes últimos abusavam de seu poder, o Criador podia privá-los dele por algum tempo.

Desnecessário dizer que a fada Genirosa era uma feiticeira boa e que ninguém nunca se queixou dela.

Certa manhã, ela estava na sala de jantar de seu palácio - uma sala com tapeçarias magníficas e flores exuberantes. Os raios de sol passavam pela janela, tocando com seus dedos



luminosos as porcelanas e a prataria da mesa posta. A dama de companhia havia acabado de anunciar que o almoço estava servido – um almoço espetacular, que as fadas tinham o direito de fazer sem serem chamadas de gulosas. Mas assim que a fada se sentou, alguém bateu à porta do palácio.

A dama de companhia foi abrir e, um momento depois, avisou à fada Genirosa que um bonito rapaz desejava falar com ela.

– Mande o bonito rapaz entrar – disse Genirosa.

O rapaz era mesmo bonito, mais alto do que a média, o ar bondoso e destemido, e 22 anos de idade. Em resumo, tinha uma bela aparência. A primeira impressão da fada foi positiva. Ela pensou que, como tantos outros, o jovem estaria em busca de algo e se sentiu disposta a ajudar.

– O que quer de mim, bonito rapaz? – ela perguntou com sua voz mais doce.

– Boa fada – ele respondeu –, caí em desgraça, e a senhora é minha única esperança.

Como ele hesitasse em falar, Genirosa o incentivou:

– Explique-se. Como se chama?

– Meu nome é Rataniel – ele respondeu. – Não sou rico, mas não desejo fortuna. Vim em busca de felicidade.

– Então acredita que uma pode vir sem a outra? – replicou a fada, sorrindo.

– Sim.

– E tem razão. Prossiga, meu jovem.

– Há algum tempo – ele continuou –, antes de ser homem, eu era um rato e, como tal, fui muito bem acolhido por uma excelente família à qual eu contava me ligar pelo mais doce dos

laços. O pai, um rato muito sensato, gostava de mim. Talvez a mãe não me visse com bons olhos, porque não sou rico. Mas a filha deles, Ratine, me olhava com tanto carinho...! Enfim, eu provavelmente seria aceito na família, mas um grande infortúnio veio acabar com todas as minhas esperanças.

– O que aconteceu? – perguntou a fada, muito interessada.

– Em primeiro lugar, tornei-me homem, enquanto Ratine continuou rata.

– Então – respondeu Genirosa –, você só precisa esperar que a próxima transformação faça dela uma bela jovem.

– Sem dúvida, boa fada! Mas, infelizmente, Ratine era cobijada por um poderoso senhor. Acostumado a ter todos os seus desejos satisfeitos, nada o deteve. Ele fez de tudo para saciar suas vontades.

– E que senhor era esse? – perguntou a fada.

– O príncipe Kissiacha. Ele convidou minha querida Ratine para viver em seu palácio, onde ela seria a mais feliz das ratas. Ela não aceitou, embora sua mãe, a senhora Ratânia, tenha ficado muito lisonjeada com o convite. O príncipe tentou então comprá-la por um valor muito alto; o pai, no entanto, o senhor Ratônio, sabendo o quanto sua filha me amava, e sentindo que eu morreria de tristeza se fôssemos separados, não quis nem ouvir sua proposta. Nem preciso dizer o quanto o príncipe Kissiacha ficou furioso. Vendo que Ratine era uma rata tão bonita, ele pensava que ela seria ainda mais bonita quando se tornasse mulher. Sim, boa fada, mais bonita ainda! E que casaria com ela! O que era bem razoável de sua parte, mas muito ruim para nós!



– Sim – respondeu a fada –, mas se o príncipe foi recusado, o que vocês tinham a temer?

– Tudo – continuou Rataniel –, pois para chegar a seus fins ele procurou Guardafogo...

– O feiticeiro? – exclamou Genirosa. – O bruxo que só sabe fazer o mal e que estou sempre combatendo?

– Ele mesmo, boa fada!

– O mesmo Guardafogo que está sempre utilizando seu poder para fazer as criaturas que se elevam aos níveis mais altos caírem o mais baixo possível?

– O próprio!

– Felizmente, Guardafogo acabou de ser privado de seu poder por algum tempo, pois andou abusando dele.

– É verdade – disse Rataniel –, mas quando o príncipe o procurou, ele ainda era poderoso. Seduzido pelas promessas de Kissiacha, tanto quanto assustado por suas ameaças, prometeu vingá-lo do menosprezo da família Raton.

– E... ele conseguiu?

– Conseguiu, boa fada!

– Como?

– Ele metamorfoseou os valorosos ratos! Transformou-os em ostras. E agora eles estão vegetando no viveiro de Tanaborda, onde esses moluscos – de excelente qualidade, devo dizer – valem cem reais a dúzia, o que é muito natural, pois a família Raton está entre eles! Entendeu, boa fada, o tamanho de minha desgraça?

Genirosa ouvia com compaixão e ternura o relato do jovem Rataniel. Ela de bom grado se apiedava dos sofrimentos humanos, principalmente dos amores impossíveis.

– O que posso fazer por você? – ela perguntou.

– Boa fada – respondeu Rataniel –, já que minha Ratine está presa no viveiro de Tanaborda, quero ser transformado em ostra, para ao menos ter o consolo de viver a seu lado!

Ele falou com tanta tristeza que a fada Genirosa ficou comovida. Pegando a mão do rapaz, disse-lhe:

– Rataniel, eu faria isso, se pudesse. Mas não posso rebaixar as criaturas na escala hierárquica dos seres vivos. No entanto, embora não possa reduzi-lo à condição de molusco, de fato muito modesta, posso elevar Ratine.

– Oh, boa fada! Sim, faça isso!

– Mas ela precisará passar pelos graus intermediários antes de voltar à forma da rata encantadora destinada a ser uma linda jovem. Portanto, seja paciente! Aceite as leis da Natureza. E tenha confiança...

– Em você, boa fada?

– Sim, em mim! Farei tudo o que estiver ao meu alcance. Não esqueça, porém, que enfrentaremos uma oposição violenta. O príncipe Kissiacha, apesar de ser o mais tolo dos príncipes, é um inimigo poderoso. E se Guardafogo recuperar seus poderes antes de você se tornar o marido da bela Ratine, será difícil vencê-lo, pois ele terá voltado a ser meu igual.

A fada Genirosa e Rataniel estavam nesse ponto de sua conversa quando uma pequena voz se fez ouvir. De onde saía aquela vozinha? Era difícil localizá-la.

A voz dizia:

– Rataniel! Meu pobre Rataniel, eu te amo!

– É a voz de Ratine – exclamou o rapaz. – Ah, dona fada, tenha piedade dela!

Rataniel parecia ter enlouquecido. Corria pela sala, olhava embaixo dos móveis, abria gavetas, pensava que Ratine podia estar escondida em algum lugar, mas não conseguia encontrá-la!

A fada deteve-o com um gesto.

Então, queridos leitores, uma coisa muito estranha aconteceu. Havia em cima da mesa, dentro de uma travessa de prata, meia dúzia de ostras que vinham justamente do viveiro de Tanaborda. Bem no centro da travessa estava a ostra mais bonita, que tinha uma concha brilhante, bem desenhada. E não é que ela cresceu, inchou, se desenvolveu e se abriu? Das dobras de sua carne se desprende uma figura adorável, com cabelos loiros como o trigo, os dois olhos mais doces do mundo, um pequeno nariz bem reto e uma boca encantadora que repetia:

– Rataniel! Meu querido Rataniel!

– É ela! – exclamou o jovem.

Era Ratine, de fato, ele a havia reconhecido. Pois vocês precisam saber, queridos leitores, que naquela época de magia, os seres vivos tinham rostos humanos, mesmo antes de terem chegado à forma de gente.

E como Ratine era bonita sob a madrepérola de sua concha! Parecia uma joia dentro de seu estojo.

E ela disse:

– Rataniel, meu querido Rataniel, ouvi tudo o que você acabou de dizer à boa fada, e a boa fada prometeu reparar o mal que o malvado Guardafogo nos causou. Oh, não me abandonem, pois ele me transformou em ostra para que eu não possa

fugir! O príncipe Kissiacha quer me tirar do viveiro onde moro com minha família e me levar para seu tanque particular à espera de que eu me torne uma mulher, quando perderei para sempre meu pobre e querido Rataniel!

Ela falou com tanta tristeza que o rapaz, profundamente comovido, mal conseguiu responder.

– Oh, minha Ratine! – ele murmurou.

Num impulso de ternura, ele estendeu a mão na direção do pequeno molusco, mas a fada o deteve. Depois de retirar delicadamente uma pérola magnífica que se formara no fundo da concha, ela disse:

– Fique com essa pérola.

– Essa pérola, boa fada?

– Sim, ela vale uma fortuna e poderá ser útil mais tarde.

Agora vamos levar Ratine de volta ao viveiro de Tanaborda, onde farei com que suba um nível.

– Sozinha não, boa fada – pediu Ratine, com voz suplicante.

– Não se esqueça de meu bom pai Ratônio, de minha boa mãe Ratânia, de meu primo Ratão! E de nossos fiéis empregados Ratorello e Ratolina!

Enquanto falava, as duas partes de sua concha começaram a fechar e voltaram ao tamanho original.

– Ratine! – exclamou o jovem rapaz.

– Pegue-a! – disse a fada.

Depois de pegá-la, Rataniel pressionou a concha contra os lábios. Dentro dela não estava tudo o que ele tinha de mais precioso no mundo?

3

A maré estava baixa. As ondas batiam calmamente no banco de areia do viveiro de Tanaborda. Pequenas piscinas se formavam entre as pedras. O granito brilhava como ébano encerado. O chão estava coberto de algas viscosas cheias de bolinhas que estouravam ao serem pisadas, lançando pequenos jatos. Era preciso tomar cuidado para não escorregar, pois a queda seria dolorosa.

Havia uma grande quantidade de moluscos nesse viveiro: caramujos do tamanho de laranjas, mexilhões, mariscos e, acima de tudo, ostras, milhares de ostras!

Meia dúzia das mais bonitas se escondia sob as plantas marinhas. Ou melhor: eram apenas cinco. O lugar da sexta estava vazio!

Essas ostras começaram a se abrir sob os raios do sol, a fim de respirar a brisa fresca do mar. Ao mesmo tempo, ouvia-se uma espécie de canto, triste como uma ladainha da semana santa.

As conchas dos moluscos se afastaram lentamente. Entre suas franjas transparentes se desenharam algumas figuras fáceis de reconhecer. A primeira era de Ratônio, o pai, um filósofo, um sábio, que sabia aceitar a vida sob todas as suas formas.

“Sem dúvida”, pensava ele, “depois de ter sido rato, voltar a ser molusco é um tanto desagradável. Mas é preciso se conformar e aceitar as coisas como elas são!”

Na segunda ostra, um rosto contraído esboçava uma careta e os olhos lançavam faíscas. Ela em vão tentava sair de sua concha. Era a senhora Ratânia, que dizia para si mesma:

– Estar presa neste cárcere calcário depois de ocupar a posição mais elevada na cidade de Ratópolis! Logo eu, que, chegando à fase humana, teria sido uma grande dama, quem sabe uma princesa...! Ah, miserável Guardafogo!

Na terceira ostra, via-se o rosto aparvalhado do primo Ratão, um tanto atrapalhado e medroso, que ficava de orelhas em pé ao menor ruído, como uma lebre. É preciso dizer, obviamente, que na qualidade de primo ele cortejava a prima. Mas Ratine, como sabemos, amava outro, e Ratão o invejava cordialmente.

“Ah, ah!”, ele pensava. “Triste destino! Quando eu era rato, ao menos podia correr, fugir, evitar os gatos e as ratoeiras. Aqui, basta ser colhido junto com uma dúzia de meus semelhantes e aberto brutalmente por uma faca para acabar na mesa de alguém e ser engolido... ainda vivo, provavelmente!”

Na quarta ostra, estava o cozinheiro Ratorello, um *chef* muito orgulhoso de seus talentos e muito ciente de seus saberes.

– Maldito Guardafogo! – ele bradava. – Se algum dia eu o agarrar com uma mão, torcerei seu pescoço com a outra. Eu, o grande Ratorello, que sempre fui precedido por minha fama, acabei preso entre duas conchas! E minha esposa Ratolina...

– Estou aqui – disse uma voz saindo da quinta ostra. – Não fique triste, meu pobre Ratorello! Embora não possa me aproximar de você, estou ao seu lado, e voltaremos a subir todos os níveis juntos!



Meiga Ratolina! Rechonchuda, simples, modesta, apaixonada pelo marido e, como ele, muito dedicada aos patrões.

A triste ladainha crescia, cada vez mais lúgubre. Algumas centenas de desafortunadas ostras, à espera da libertação, se uniram ao concerto de lamentações. Era de cortar o coração. E a tristeza seria ainda maior se o pai Ratônio e a mãe Ratânia descobrissem que a filha não estava mais com eles!

De repente, todos se calaram. As conchas se fecharam.

Guardafogo chegava ao viveiro, com seu grande manto de feiticeiro, o tradicional chapéu, o rosto cruel. A seu lado vinha o príncipe Kissiacha, com roupas luxuosas. É difícil acreditar a que ponto o príncipe era vaidoso, e como se portava de maneira ridícula para chamar a atenção dos outros.

– Onde estamos? – ele perguntou.

– No viveiro de Tanaborda, meu príncipe – respondeu polidamente Guardafogo.

– E a família Raton?

– No mesmo lugar em que a incrustei, para vossa satisfação!

– Ah, Guardafogo! – continuou o príncipe, enrolando o bigode. – A pequena Ratine! Estou enfeitado! Ela precisa ser minha! Estou pagando por seus serviços: se não for bem-sucedido, cuidado!

– Príncipe – disse Guardafogo –, embora eu tenha conseguido transformar toda essa família de ratos em moluscos antes de perder o meu poder, eu não poderia transformá-los em seres humanos, o senhor sabe disso!

– Sim, Guardafogo, e isso me deixa furioso!

Os dois pisaram no banco de areia no exato momento em que duas pessoas surgiam na extremidade oposta. Eram a fada Genirosa e o jovem Rataniel. Este apertava contra o coração a concha dupla que guardava sua bem-amada.

De repente, eles viram o príncipe e o feiticeiro.

– Guardafogo – indagou a fada –, o que veio fazer aqui? Tramando mais um plano criminoso?

– Fada Genirosa – disse o príncipe Kissiacha –, você sabe que estou apaixonado pela linda Ratine, que foi insensata a ponto de repelir um senhor como eu e agora espera impacientemente a hora em que você a transformará em jovem mulher.

– Quando eu a transformar em jovem mulher – contrapôs Genirosa –, será para que ela escolha o homem de sua preferência.

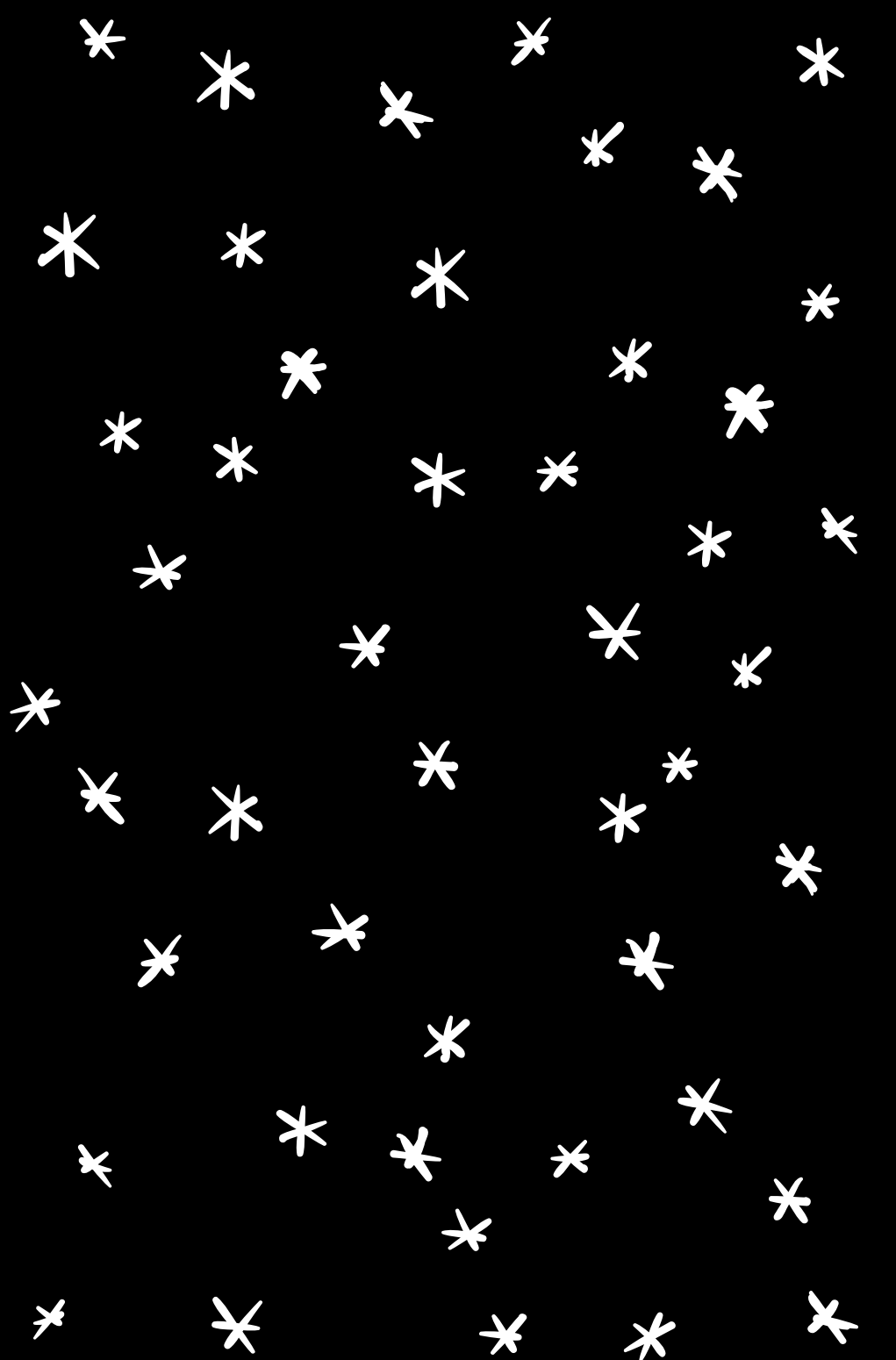
– Esse impertinente – emendou o príncipe –, esse Rataniel, que Guardafogo não terá dificuldade de transformar em jumento assim que eu puxar suas orelhas?

Ouvindo o insulto, o rapaz deu um salto. Estava prestes a se atirar sobre o príncipe e devolver-lhe a insolência, mas a fada puxou-o pela mão.

– Acalme-se – ela pediu. – Não é chegado o momento do confronto, os insultos do príncipe se voltarão contra ele. Faça o que precisa fazer e vamos embora.

Rataniel obedeceu e, depois de apertar a ostra uma última vez contra os lábios, depositou-a ao lado de sua família.

A maré começou a subir na mesma hora, cobrindo o viveiro de Tanaborda, a água invadiu todo o banco de areia e tudo se fundiu ao horizonte, cujos contornos se confundiam com o do céu.



O AUTOR

Um dos maiores escritores da literatura universal

Os países de língua portuguesa costumam chamá-lo de Júlio. Mas a Editora Piu preferiu manter o nome que seus pais escolheram para ele: Jules. Nascido em 8 de fevereiro de 1828 na pequena cidade portuária de Nantes, na França, Jules Verne cresceu brincando às margens do Rio Loire. Ali, junto com seu irmão Paul, ele ouvia histórias fantásticas contadas por velhos marinheiros – relatos de viagens que alimentavam sua vontade de conhecer o mundo. Tanto que, aos onze anos, decidido a virar marujo, Jules fugiu de casa e embarcou em um navio. Não conseguiu ir muito longe, já que seu pai, um famoso advogado, o deteve na primeira escala. Você pode imaginar que Jules levou um castigo daqueles.

Como não conseguiu conhecer o mundo com os próprios olhos, o garoto passou a viajar pelas páginas dos livros de Geografia, desenhando esboços e mapas em seus cadernos. Mas mesmo apaixonado por ciência e interessado pelas máquinas que surgiam com a Revolução Industrial, Jules aceitou a vontade do pai e foi estudar Direito em Paris

Centro de conflitos sociais e políticos da época, a capital francesa rapidamente seduziu o jovem com sua cultura, sua boemia e seus escritores célebres. Ao conhecer Alexandre Dumas – e se hospedar em seu castelo em Saint-Germain –, ele ficou impressionado com a forma como o autor de *Os três mosqueteiros* misturava ficção a fatos históricos e, a partir daí,

começou a traçar seus próprios planos literários, imaginando que poderia fazer com a Geografia o mesmo que Dumas fizera com a História. As primeiras criações literárias de Jules Verne foram uma peça teatral chamada *Contratos anulados* e um pequeno conto sobre viagens marítimas. Mas esses escritos não alcançaram nenhum sucesso e, em 1852, ele foi trabalhar como secretário no Teatro Lírico de Paris, onde ficaria até 1857, ano em que se casou com a viúva Honorine-Anne de Vianne. Vale dizer que a senhora Honorine lembrava um pouco a senhora Ratânia, já que gostava de morar bem, vestir-se com elegância e frequentar grandes recepções. Em 1861, nasceria o único filho do casal: Michel.

Depois de casado, Jules foi trabalhar como corretor na Bolsa de Paris e ficou amigo de Félix Nadar, célebre fotógrafo, aventureiro e entusiasta dos balões. Foi Nadar que, em 1863, apresentou Jules Verne a seu xará Jules Hetzel, que a partir de então seria seu editor oficial e responsável por publicar sucessos que conquistariam milhões de fãs, como *Cinco semanas num balão*, *Vinte mil léguas submarinas*, *Viagem ao centro da Terra* e *A volta ao mundo em 80 dias*.

Quem conhece os romances de ficção científica de Verne sabe que suas histórias costumam levar os leitores para aventuras em polos gelados, desertos africanos, aldeias asiáticas e também à superfície da lua e ao núcleo do planeta. E que suas páginas apresentaram máquinas mirabolantes antes mesmo de elas terem sido inventadas. O submarino, o satélite e a internet, por exemplo, apareceram pela primeira vez em seus livros. Aliás, ele tinha uma imaginação tão

prodigiosa que alguns contemporâneos achavam que Jules Verne também se tratava de uma invenção e que seus livros eram escritos por uma equipe. Mas isso acontecia porque o escritor nem sempre fazia questão de aparecer em público. E se ele já era recluso ao natural, em 1886 foi forçado a ficar ainda mais afastado de tudo e de todos.

Em 9 de março de 1886, Verne levou dois tiros, aparentemente sem motivo – um no ombro e outro no tornozelo –, desferidos por seu perturbado sobrinho Gaston (fato que o faria ficar de cama por meses e usar bengala até o fim da vida). No mesmo mês, seu amigo, conselheiro e editor Jules Hetzel faleceu. Para completar, ele passou por dificuldades financeiras e precisou vender seu adorado iate Saint-Michel III. Mas 1886 teve algo de bom (pelo menos pra gente): foi nesse ano que Jules Verne escreveu *As aventuras da família Raton*.

Apesar de escrita em 1886 e bastante divulgada por seu autor, a história das transformações da família Raton ainda levaria cinco anos para ser publicada, não em livro, mas no *Le Figaro Illustré*, que na época era um jornal satírico (que tira sarro das coisas, sabe?). Em janeiro de 1891, os franceses puderam ler *Aventures de la famille Raton*, que trazia ilustrações de George Roux. Infelizmente, Jules Verne morreria sem ver seu conto infantil virar uma obra literária, pois faleceu em 1905 e *As aventuras da família Raton* só viraria livro em 1910 na França.



A ILUSTRADORA Catarina Bessell

Catarina nasceu em São Paulo, em 1984, e costuma dizer que se tornou ilustradora por obra do acaso e do destino. Aos 18 anos, ela queria mudar o mundo e ser economista, mas acabou se sentindo atraída pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Começou trabalhando como assistente da ilustradora Silvia Amstalden e com ela aprendeu muito sobre diagramação de livros, relação da imagem com o texto e aplicações da ilustração no design. Atualmente, vive da sua arte e cria ilustrações para livros, jornais e revistas usando diferentes técnicas. “Criação é um processo não linear, com um vai e vem de produção, crítica, pesquisa e, principalmente, brincadeira”, diz Catarina.



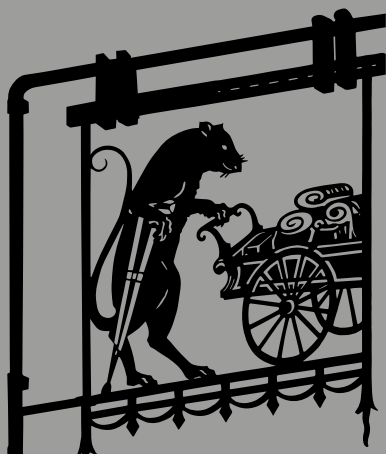
A TRADUTORA Julia da Rosa Simões

Jules Verne escreveu o texto em francês, por isso alguém precisava traduzi-lo para o português. E quem fez isso foi a Julia da Rosa Simões. Julia nasceu em Porto Alegre, em 1980, e se formou em História pela UFRGS. Ela morou e estudou em Paris, na França, e desde 2014 se dedica a traduzir livros do francês para o português. Já traduziu romances, contos, biografias, filosofia e, claro, lindos livros infantis. São mais de 100 livros traduzidos com muito cuidado e dedicação.

A OBRA

Um livro sobre homens e ratos

Para criar este conto com direito a fada boa, bruxo malvado e muita sátira social, Jules Verne parece ter buscado inspiração nas memórias que tinha de Nantes, sua cidade natal. Perto da casa em que ele morava com a família, havia uma loja de tecidos chamada Au Rat goutteux – algo como “Ao rato com gota”, sendo que gota, neste caso, é a dolorosa doença reumática. Na frente do estabelecimento, logo acima da entrada do prédio, uma placa de ferro fundido exibia um rato usando uma muleta. Tudo leva a crer que Verne se lembrou desse rato na hora de escrever As aventuras da família Raton. E que provavelmente o senhor Ratônio, que na história sofre de gota e usa muleta, representa o próprio autor: melancólico, filosófico, com dificuldades para caminhar e que prefere viver como rato a viver como homem.



Verne escolheu nomes para alguns de seus personagens que já revelavam a personalidade deles. E o bacana é que a tradutora conseguiu manter essa intenção em sua tradução: Guardafogo é o feiticeiro malvado que parece ter vindo do inferno, Genirosa é uma fada boa e muito generosa e Kissiacha é um príncipe que se acha melhor do que os outros. Os personagens se dividem claramente entre bem e mal, e o autor mostra que a maldade e a falta de ética não compensam e que o bem encontra aliados que o ajudam a vencer os obstáculos do caminho e a conquistar a felicidade.

Jules Verne parece ter ficado satisfeito com o conto que escreveu, pois, ao sair em turnê pela Bélgica e Holanda, em novembro de 1887, foi *As aventuras da família Raton* que ele leu em suas conferências. O público ficou surpreso, já que, no lugar de um texto de ficção científica, Verne apresentou um conto de fadas. E não um conto como os outros, mas um que brincava com a teoria de Darwin, que não se levava a sério e que ainda por cima oferecia diferentes interpretações. Um conto que funcionava como um balanço da vida do autor e de sua evolução como ser humano.

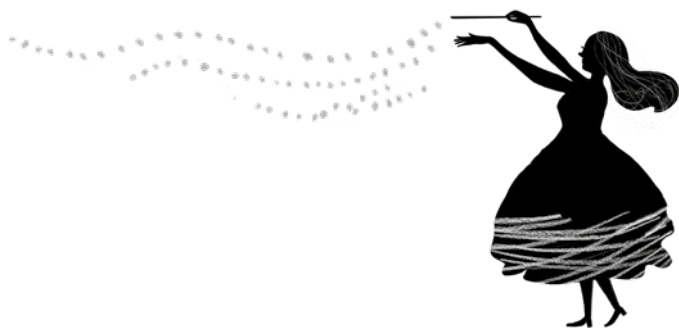
Mais de cem anos depois de ter sido escrito, o conto chegou ao Brasil com belas ilustrações de Catarina Bessell e primorosa tradução de Julia da Rosa Simões. Embarcar nas aventuras da família Raton é entrar em contato com um mundo que se alarga em maravilhas pela imaginação sem limites de um grande autor.

O GÊNERO

Um conto... de fadas

As aventuras da família Raton é um conto. Mais do que isso: é um conto de fadas. Jules Verne parte da tradição oral, mas vai além dela para deixar o texto ainda mais rico. Você deve ter percebido, inclusive, que o autor conversa com os leitores: “Esses admiráveis roedores viveram aventuras tão extraordinárias, queridos leitores, que não posso deixar de contá-las a vocês” (p. 5).

E não é só porque tem fada e feiticeiro que essa história é considerada um conto de fadas. É, isso sim, porque tem a estrutura clássica de um conto desse tipo: situação inicial (momento em que os personagens são apresentados); conflito (quando surge um problema a ser resolvido); processo de solução do conflito (as muitas tentativas dos protagonistas de resolverem o problema, contando com a ajuda de personagens ou objetos mágicos); e final feliz (parte da história onde o mal é punido e o bem, recompensado).



Mas antes de ser “de fadas”, essa história é simplesmente um conto. Não uma novela, nem um romance, mas um conto. E sabe por quê? Primeiro, porque o conto é menor em tamanho; segundo, porque ele costuma dar destaque a um único episódio (que aqui é a evolução da família Raton); e terceiro que, mesmo com todos os elementos que fazem parte de um romance – enredo, personagens, tempo, espaço e ponto de vista – ele não tem análises minuciosas e complicações de enredo. Não é à toa que o famoso escritor e teórico literário argentino Ricardo Piglia define o conto como um “universo em miniatura”.

Esperamos que você tenha gostado desse conto. E que possa contá-lo para muita gente!



Jules Verne

Título original: *Aventures de la famille Raton*

Textos: Jules Verne

Ilustrações: Catarina Bessell

Tradução: Julia da Rosa Simões

Capa e projeto gráfico: Tereza Bettinardi

Revisão de texto: Jó Saldanha

Coordenação editorial: Paula Taitelbaum

Copyright da edição © 2022 por Editora Piu



80 páginas, 13,5 cm × 20,5 cm

1ª edição – 2022

Esse livro segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais e Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verne, Jules, 1928-1905

As aventuras da família Raton / Jules Verne; tradução Julia da Rosa Simões; ilustrações Catarina Bessel. – Porto Alegre: Editora Piu, 2022.

Livro do estudante ISBN 978-65-89241-04-1

Livro do professor ISBN 978-65-89241-06-5

1. Contos – Literatura infantojuvenil. I. Bessel, Catarina. II. Título

19-29808

CDD – 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura infantojuvenil 028.5

2. Contos: Literatura juvenil 028.5

Bibliotecária responsável: Cibele Maria Dias CRB-8/9427



**AMBASSADE
DE FRANCE
AU BRÉSIL**

*Liberté
Égalité
Fraternité*

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication année 2021 Carlos Drummond de Andrade de l'Ambassade de France au Brésil, bénéficie du soutien du Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères.

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação ano 2021 Carlos Drummond de Andrade da Embaixada da França no Brasil, contou com o apoio do Ministério francês da Europa e das Relações Exteriores.

Editora Piu

www.editorapiu.com.br

Era uma vez uma família de ratos formada pelo pai Ratônio, pela mãe Ratânia, pela filha Ratine e pelo primo Ratão. Seus empregados eram o cozinheiro Ratorello e a criada Ratolina. Esses admiráveis roedores viveram aventuras tão extraordinárias, queridos leitores, que não posso deixar de contá-las a vocês. Tudo aconteceu no tempo das fadas e dos feiticeiros - época em que os animais ainda falavam. Imagino que seja desse período que venha a expressão “dizer besteiras”. No entanto, as bestas não diziam mais besteiras do que os homens sempre disseram e ainda dizem! Então prestem atenção, pois a história já vai começar.

